

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO FRACASSO
ESCOLAR**

JOANA D'ARC DE PAULA

**FORTALEZA - CEARÁ
2004**

INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO FRACASSO ESCOLAR

JOANA D'ARC DE PAULA

MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA – 2004

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Joana D'Arc de Paula

MONOGRAFIA APROVADA EM: _____/_____/_____

Prof^a Marisa Pascarelli Agrello – Ms.
Orientadora

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter-me dado inteligência, saúde e coragem para seguir em frente.

Aos professores pela valiosíssima colaboração.

Às colegas de curso, pelo companheirismo e estímulo.

RESUMO

A presente monografia, versa sobre fracasso escolar e intervenção psicopedagógica, com o objetivo de vislumbrar caminhos para uma prática docente voltada para o sucesso do aluno, foi elaborada após estudo de alguns teóricos, onde foram evidenciadas propostas em relação ao tema. O trabalho enfoca a aprendizagem como processo e reflete a aprendizagem sob a luz das correntes sócio construtivistas, na forma praticada nas instituições de ensino. Traz a Psicopedagogia trabalhada e vivida no contexto escolar e o papel do psicopedagogo, como elemento indispensável para o desenvolvimento de uma aprendizagem satisfatória. Por fim, há uma abordagem de avaliação psicopedagógica como instrumento de intervenção no fracasso escolar, bem como os procedimentos e formas de melhor contribuir na missão dos professores, que é de conduzir, de forma favorável, todos os alunos para uma efetiva aprendizagem.

Este trabalho se propõe a falar sobre as dificuldades da leitura e escrita, fazendo uma interligação para o olhar psicopedagógico. É interessante, atentar para o movimento histórico no campo da Psicologia, da Linguística e da Pedagogia, analisando as relações entre as mesmas e as suas implicações sociais e políticas. Atualmente se fala muito da importância de se partir da experiência da criança e dar a palavra a ela. Deve-se levar em conta a variação lingüística e aceitar os erros que a criança produz; fala-se da necessidade de se conhecer os processos de aprendizagem, de se reconsiderar os procedimentos de ensino, de se rever os métodos de alfabetização. A criança não pode escrever sobre o que não conhece precisando de orientação contínua que facilite a construção do seu conhecimento. Todo conhecimento é construído em estreita relação com o conteúdo que é utilizado, sendo por isso mesmo impossível separar os aspectos cognitivos, emocionais e sociais presentes em cada período do desenvolvimento. Neste momento, o círculo parece ter se fechado e tudo indica que as contradições alcançaram um nível realmente descentralizado, como diz Emília Ferreiro, “em alguns momentos da história faz falta uma revolução conceitual”. Acredito ter chegado o momento de fazê-la a respeito da aprendizagem de leitura e escrita. É necessário uma reestruturação nos conceitos e nas posturas didáticas. É inevitável repensar a função do professor e principalmente rever o processo de desenvolvimento da criança, considerando-a como sujeito que está em processo de construção do conhecimento. A criança não está sendo alfabetizada por alguém, mas, sim, alfabetizando-se com o meio e com as pessoas que a cercam. É com a interação de analisar os processos de escrita e leitura nas crianças, nas relações de ensino e no movimento das transformações histórico-sociais e sob a ótica psicopedagógica que me proponho a discutir o assunto, tomando como ponto de partida algumas reflexões e inquietações tanto teóricas quanto práticas.

INTRODUÇÃO

Professores de língua materna têm uma importante tarefa a cumprir: tornar seus alunos competentes na leitura e na escrita, de tal forma que a partir da aquisição dessas competências possam eles prosseguir, com sucesso, em sua vida escolar. Tal tarefa, contudo, se torna um grande desafio tendo em vista que outros fatores além do aspecto cognitivo, tais como: ambiente físico, estrutura familiar - para citar alguns - interferem no desenvolvimento cognitivo das crianças. Outro fator desafiador desta missão está na dificuldade que os docentes encontram para lidar com o fracasso, uma vez que sua formação profissional ensinou, via de regra, alunos ideais, bem distante da realidade encontrada, sobretudo na escola pública.

Sabe-se que para se tornar competente é necessário que o aluno não só compreenda o sentido global do texto, mas também encontre clima favorável para o desenvolvimento de sua aprendizagem, inclusive no ambiente escolar. E, infelizmente, a prática pedagógica tem contribuído para um sucessivo aumento nos índices de reprovação nas séries iniciais do ensino fundamental. Se por um lado há a impropriedade do professor em lidar com uma pedagogia voltada para o sucesso, por outro lado, há uma latente inabilidade para solucionar o que, quotidianamente, convencionou-se a chamar de erro. Em outras palavras, o professor não está preparado para lidar com algumas questões inerentemente voltadas para a Psicopedagogia. E essa prática tem conduzido os alunos para uma situação de fracasso escolar.

Nesse universo, a Psicopedagogia surge como a ciência que, trabalhando com a construção do saber sistematizado pelo homem, possibilita uma aprendizagem satisfatória pautada nas modernas teorias. E, sob o enfoque psicopedagógico, pode-se inferir que muitas das dificuldades encontradas pelos discentes para uma satisfatória aprendizagem, está na inoperância docente para lidar com problemas de aprendizagem e conseqüentemente com o fracasso escolar. Em outras palavras, erros e problemas diagnosticados, os quais podem ser discutidos, refletidos e solucionados, tendo como ação norteadora a intervenção psicopedagógica ficam sem encaminhamentos e aos poucos podem até se tornar insolucionáveis porque os professores não dispõem de satisfatórios mecanismos de solução.

Para a realização deste trabalho tomou-se como referencial teórico básico os escritos de Solé (2001), nos quais permeiam todos os aspectos aqui abordados. Além da autora mencionada, outros autores pesquisados foram

aqueles que têm seus estudos voltados para a compreensão de como se processa a aprendizagem humana e que abordagens são adequadas para a eficácia dessa aprendizagem, pesquisadores das teorias psicogenéticas: Piaget, Wallon e Vygotsky .

Neste trabalho busca-se, como objetivo primordial, apontar caminhos para uma prática docente que conduza o aluno para o sucesso escolar, à luz da Psicopedagogia moderna.

O primeiro capítulo enfoca a aprendizagem escolar como processo e as correntes de aprendizagem adotadas pela escola na modernidade: as teorias construtivista, sócio-interacionista, a formação de conceitos, da gênese da inteligência, e da Psicomotricidade, adotadas pela escola com o objetivo de realizar uma aprendizagem conseqüente. Assim também o ambiente e o professor como facilitadores da aprendizagem.

O segundo capítulo trata da própria Psicopedagogia, seu objetivo no contexto escolar, também do papel do psicopedagogo, da ética e do desenvolvimento do trabalho.

No terceiro aborda-se a avaliação psicopedagógica como instrumento de intervenção no fracasso escolar, enfocando os aspectos que contribuem para esse fracasso, tanto da parte da família como da responsabilidade da escola. Nesse capítulo, vê-se ainda os procedimentos e as formas de intervenção no processo de aprendizagem que contribuem para minimizar o fracasso escolar.

CAPÍTULO II

A PSICOPEDAGOGIA NO CONTEXTO ESCOLAR

A Psicopedagogia, sob a influência direta da Psicologia e da Pedagogia, se apresenta multifacetada. Na sua própria atividade, por vezes, se confunde com estas duas áreas de conhecimento, pois tem linha de pesquisa tanto em Educação como em Psicologia, e em ambas desenvolve atividades do ponto de vista sistemático, terapêutico ou preventivo, cotidianamente, como afirma Sole (2001. p.32)

“Na verdade, em muitos casos, psicólogos e pedagogos realizam tarefas muito similares em seu campo de trabalho, o que os obrigou à busca de formação em área do conhecimento que não haviam sido consideradas durante sua formação inicial: os pedagogos em núcleos de formação psicológicas e os psicólogos em campos de conhecimento pedagógico.”

Nos últimos vinte anos do século XX, a Psicopedagogia saiu da concepção *clínica*, ou seja, de uma visão organicista e linear com conotação patologizante, para alcançar o campo de estudo multidisciplinar, cujo objetivo é o de tornar-se globalizante no processo de aprendizagem, evoluindo qualitativamente na resolução dos problemas que surgem nesse processo.

Refletir sobre o ser integral, global, que está ante um processo de aprendizagem. Considerar que o desenvolvimento deste ser se dá harmoniosa e equilibradamente nas diferentes condições orgânica, emocional, cognitiva e social, é o que atualmente faz a Psicopedagogia.

Sem dúvida, para o indivíduo crescer em todos os sentidos: psicológico, físico e cognitivamente, enfim integralmente, de modo genuíno e favorável tudo deve contribuir, seja na família, seja na escola, como já se viu no capítulo anterior. Entretanto, nem todas as condições se apresentam assim tão favoráveis. Surgem problemas de causas orgânicas ou psicossociais, entre outras. E estes são, em última instância, cuidados pela Psicopedagogia, com vista ao seu objetivo final que é a aprendizagem do discente.

Faz-se preciso, portanto, tecer algumas informações sobre os problemas de aprendizagem que venham a requerer uma intervenção psicopedagógica.

Dentre causas orgânicas pode-se citar as lesões cerebrais, síndromes congênitas, desnutrição e o **D**istúrbio do **D**éficit de **A**tenção, com ou sem **H**iperatividade -DDAH.

Qualquer um destes, verdadeiramente pode influenciar direta ou indiretamente na aquisição do conhecimento, no desempenho cognitivo da criança em processo de aprendizagem.

- ***Atraso na linguagem***

Pode-se definir linguagem como um instrumento que, através de diversas formas, o ser humano utiliza para se comunicar. A comunicação ocorre através de gestos, expressões faciais, fala e escrita formal obedecendo às regras lingüísticas.

Diversas são as alterações que podem ser diagnosticadas durante o processo de aprendizagem e conseqüentemente, o processo educacional em geral, como desempenho e qualidade globais.

É considerado atraso de linguagem o atraso no aparecimento da fala, evidenciado na emissão das palavras, na expressão do pensamento ou da vontade da criança. Ou seja, é a ausência da linguagem numa idade em que, normalmente, ela se manifestaria, caracterizada pela permanência de certos padrões lingüísticos além da fase da idade cronológica. Esse atraso pode ser moderado ou grave. Quando uma criança que até um ano e meio não diz palavras isoladas ou que aos dois anos não forma frases, considera-se com atraso de linguagem.

No atraso moderado, observa-se a redução de padrões fonológicos, porém os padrões morfossintáticos estão presentes na sua construção frasal. Ela pode, por exemplo, falar uma frase em que falte algum fonema, alguma sílaba, mas a construção frasal obedecerá aos padrões morfossintáticos de sua língua materna, em outras palavras, ela jamais construirá uma frase do tipo: *que banho neném água quente toma com*. Pode até sair assim: *Nen qué tom bani com aua quente*, oralmente, não tão indecifrável.

No atraso grave de linguagem, porém, a criança apresenta todos os padrões fonológicos reduzidos e também os padrões morfossintáticos estão muito reduzidos com, praticamente, ausência dos elementos de ligação e estruturas frasais primitivas. Sendo este o atraso de linguagem propriamente dito, apresentam transtornos nas demais áreas de linguagem podendo estar implicados os mecanismos de memória imediata. Dificuldades oral e motora acompanham o atraso de linguagem necessitando de um maior enriquecimento ou ajustamento das sensações perceptivas, que facilitariam a fixação dos padrões fonológicos corretos, em

outras palavras que facilitariam a aquisição da língua padrão de fala e escrita contribuindo sobremaneira para uma aprendizagem eficiente, uma vez que a linguagem é fundamental para o sucesso escolar. Está presente em todas as disciplinas e todos os docentes são potencialmente professores de linguagem, porque utilizam a língua como instrumento de transmissão de informações.

- **Atraso global de desenvolvimento**

O atraso global de desenvolvimento é caracterizado pelo atraso psicomotor, da linguagem oral e da comunicação em geral, estando a criança defasada em diversas áreas do desenvolvimento com ou sem problemas motores. Os principais *déficits* no atraso global são os cognitivos, geralmente oriundos de problemas neurológicos e os perceptivos que também podem resultar de doenças.

Os *déficits cognitivos* que, como já foi dito, podem ser causados por lesões neurológicas ou por alterações perceptivas graves e não valorizadas precocemente que levem ao desenvolvimento aquém das possibilidades da criança. Também são causas dos mesmos os transtornos endócrinos, patologias pré-natais (rubéola, sífilis, uso de medicamentos); peri-natais (prematuridade e imaturidade, sofrimento neo-natal); pós-natais (encefalites, meningites).

Os *déficits perceptivos* são as capacidades de percepção visual e auditiva, as quais permitem captação dos estímulos ambientais e sua decodificação. A linguagem vai se estruturando a medida em que esses fatores (visão e audição) se desenvolvem, juntamente com a maturação neurológica e as habilidades psicomotoras. Necessárias para um adequado desempenho da escrita e da leitura, a visão e suas áreas perceptivas (coordenação viso-motora, posição no espaço, relação espacial, constância de percepção e figura-fundo), bem como a audição e suas habilidades (atenção, localização e discriminação) formam e estruturam a base desta formalização da escrita e da leitura e interpretação da mesma.

De todos esses fatores, o *déficit emocional* e toda a sua estrutura, que permeando toda e qualquer relação que o indivíduo faça ou venha a fazer consigo mesmo ou com o mundo exterior, não deve ser desprezado. Levando-se em conta a estrutura familiar, social e as relações estabelecidas entre si e o meio e a forma com que estas relações são feitas, influenciam, sem dúvida, o desenvolvimento do processo de aprendizagem.

A maneira de encarar novas informações, a relação com este *novo* e a disponibilidade da criança para permitir-se a aprender, estão intrinsecamente ligadas com suas condições psicológicas.

- **Síndrome do Déficit de Atenção com Hiperatividade**

A Síndrome do Déficit de Atenção com Hiperatividade – SDAH, faz com que a criança apresente características como:

- Dificuldade de concentração.
- Impulsividade.
- Dificuldade de manutenção de atenção mesmo durante as brincadeiras.
- Parece não escutar quando é chamado.
- Não termina as atividades.
- Perde com facilidade os objetos.
- Facilidade para distrair-se com estímulos externos.
- Movimento freqüente de mãos ou pés.
- Dificuldade de permanecer sentado.
- Dificuldade em se engajar em jogos ou atividades de leitura onde necessita permanecer sentado.

Aqui se pode perceber claramente que para se obter um diagnóstico preciso de um indivíduo, faz-se necessário uma avaliação multidisciplinar, ou seja, uma avaliação que inclua outros profissionais tais como: neuropsicólogo, fonoaudiólogo, psicólogo, neurologista, médico, entre outros, desde que pelo menos seis das características acima citadas se apresentem.

Enfim, com novos estudos são descartadas as concepções mecânicas e reducionistas dos problemas de aprendizagem e, em conseqüência, sob um renovado olhar, desmistificam-se as *doenças* dantes tidas como responsáveis pelo insucesso escolar. Os pesquisadores concordam, em geral, que caminhar se aprende caminhando, e ler, lendo, portanto orientam um novo procedimento metodológico para o trabalho pedagógico ou psicopedagógico que conduzam ao sucesso escolar dos alunos.

2.1. O PAPEL DA PSICOPEDAGOGIA

A atuação da Psicopedagogia tem como base o pensar, a forma como a criança pensa e não propriamente o que aprende. O objeto da Psicopedagogia é a aprendizagem em si. A Psicopedagogia preocupa-se, portanto, em como a criança aprende. Nas palavras de Sole (2001.p.20)

“Sua finalidade é a de contribuir para prevenir possíveis disfunções ou dificuldades, para compensar ou corrigir aquelas que tenham surgido e visa a potencializar e a enriquecer o desenvolvimento dos indivíduos e dos sistemas que integram a instituição educacional, sua organização e seu funcionamento.”

Esta área de atuação também permite aos profissionais a análise do processo de aprendizagem do ponto de vista do sujeito que aprende e da instituição que ensina, no que tange a seu decurso, normal ou com dificuldades.

Contribuir para o crescimento dos processos da aprendizagem e auxiliar no que diz respeito a qualquer dificuldade em relação ao rendimento escolar, também é do âmbito da Psicopedagogia, bem como de educadores em geral.

Ter conhecimento de como o aluno constrói seu conhecimento, compreender as dimensões das relações com a escola, com os professores, com o conteúdo e relacioná-los aos aspectos afetivos e cognitivos, permite uma atuação mais segura e eficiente. Ter um olhar psicopedagógico de um processo de aprendizagem é buscar compreender como eles utilizam os elementos do seu sistema cognitivo e emocional para aprender.

É reconhecido por todos que, nas séries, iniciais do ensino fundamental, escrever é copiar e ler é decodificar sons, sem se importar se há compreensão ou não. Essa é a prática cotidiana no ensino da leitura e escrita, em cujas aulas não são propostas experiências que ajudem as crianças a construir significado para o que escrevem ou lêem.

Muitas crianças necessitam de ensino específico, de constantes exercícios que permitam desenvolver habilidades de raciocínio para que consigam crescer cognitivamente e socialmente com sucesso.

Valorizar as estratégias utilizadas, uma vez que os padrões antigos, aprisionantes, fragmentam e não dão opção de trabalho diferenciado. Vale a pena centrar e esgotar todas as possibilidades de exploração. E não é dessa forma que a maioria dos professores trabalha. Muitos deles apresentam excessivas estimulações diferentes, descentrando exageradamente para a idade e maturidade dos alunos. Isso fragmenta e contribui para a continuidade da imaturidade da criança.

O desenvolvimento simultâneo de teoria e prática facilita o acesso ao conhecimento indispensável ao psicopedagogo, que extrapolará o teórico, atendendo crianças ou adolescentes que necessitem de um suporte na aprendizagem, e nesse atendimento, todos os conhecimentos serão acessados, estimulando o profissional a fazer uso de todos os seus canais, na medida da necessidade, distinguindo claramente quando e quanto cabe a cada um, de acordo com a situação.

Há que se ter segurança na atuação; escolher um caminho e seguir, valorizá-lo, porque forneceu pistas, desvendou alguns procedimentos inadequados e possibilitou a reflexão e o replanejamento, já com novos elementos para enriquecer a tomada de decisão.

E é neste contexto que a Psicopedagogia entra como recurso para os docentes de forma que eles possam trabalhar de modo mais condizente com a realidade dos seus alunos atuando como verdadeiros mediadores da aprendizagem tendo como meta o sucesso escolar. Entra também como meio de buscar compreender a relação do aluno com o conhecimento, a qual é permeada pela figura do professor e pela escola.

2. 2. A ÉTICA E O TRABALHO DO PSICOPEDAGOGO

A ética norteia toda a conduta do ser humano. Ela é a reflexão sobre a moralidade. Trata de princípios, visando sobretudo, a justiça social. Ela se volta e reflete, especialmente, sobre a condução nas relações sociais e interpessoais, ou seja, baseia-se nos valores adotados pelo grupo, tais como: o respeito, a tolerância, a moral, a responsabilidade, a liberdade, o juízo, para citar alguns.

Agir com ética pressupõe o pensar, o refletir, o construir, enfim conquistar espaço com dignidade sem prejuízo para si e para os outros. Diz Sole (2001.p.30)

“O Psicopedagogo como profissional e como cidadão, deve reger sua conduta por um código ético e deontológico, que tem suas raízes na Declaração Universal dos Direitos do Homem, cuja declaração de valores é menos ambígua do que, às vezes, se tenta fazer parecer. Nesses princípios, encontram-se os parâmetros de respeito e tolerância que precisam de um comprometimento para seu efetivo cumprimento.”

O trabalho do psicopedagogo se dá numa situação de relação entre pessoas. Não é uma relação qualquer, mas um encontro entre educador e educando, em que o psicopedagogo precisa assumir sua função de educador, numa postura que se traduz em interesse pessoal e humano, que permite o desabrochar da mente criadora, trazendo de dentro do educando capacidades e possibilidades muitas vezes desconhecidas dele mesmo e incentivando-o a procurar seu próprio caminho e a caminhar com seus próprios pés. Conforme Sole(2001.p,30)

“O psicopedagogo que age eticamente é um profissional que sabe, que aprende, que analisa, que

vai à raiz dos problemas e do conhecimento que está disponível para abordá-los.”

A práxis Psicopedagógica é entendida como o conhecimento dos processos de aprendizagem nos seus aspectos cognitivos, emocionais e corporais. Pressupõe também a atuação tanto no processo normal do aprendizado como na percepção de dificuldades (diagnóstico) e na interferência no planejamento das instituições e no trabalho de reeducação (Terapia Psicopedagógica). Para Sole (2001.p.30)

O Psicopedagogo é um profissional estratégico e reflexivo que analisa, avalia e interpreta os fenômenos que precisa enfrentar, que contribui com sua visão para que outros tomem decisões que permitam otimizá-los, que colabora, discute e chega a acordos. Não se trata de situações neutras mas marcadas pelos modelos de interpretação, influenciadas pelas opções ideológicas e políticas, condicionadas pelos sistemas de valores assumidos.”

Diz a autora em pauta que a ação do psicopedagogo, Sole (2001.p.30):

“reside em determinadas concepções sobre aprendizagem e o desenvolvimento das pessoas, sobre a incidência do ensino nesses processos, sobre as relações de tudo isso com a cultura , sobre sua própria função no contexto que assim se desenha [...] “.

Assim, objetiva conduzir a criança ou adolescente, o adulto ou a Instituição a reinserir-se, reciclar-se numa escolaridade normal e saudável, de acordo com as possibilidades e interesses dela, sem, contudo, desviar-se dos padrões éticos determinantes e adotados.

No sentido de alcançar tal objetivo, esse profissional procura vivenciar e construir projetos, buscando operar na prática clínica individual e grupal; desenvolver projetos institucionais, principalmente aqueles relacionados a escola e, finalmente, aprimorar a percepção de si mesmo e do outro, enquanto ser individual, social e cultural, no seu papel de psicopedagogo.

CAPITULO III

AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA INTERVINDO NO FRACASSO ESCOLAR

Os indivíduos aprendem por diferentes canais, havendo um que se sobressai e outros que necessitam ser fortalecido. Em outras palavras, pode se dizer que a abertura para a construção do novo difere de indivíduo para indivíduo, uns deixam-se conduzir pelo emocional outros totalmente pela razão. Cada experiência preenche uma lacuna. Por isso, os alunos, cujos canais predominantes são o sentimento, a intuição ou a percepção, têm sido prejudicados no processo de ensino-aprendizagem tradicional, o que não ocorre quando o processo se dá numa relação colaborativa, construtivista, interdisciplinar e orientada para a autonomia discente, como preconiza a moderna psicopedagogia.

O certo e o errado não existem isoladamente; há situações e posturas diversas naquele momento, naquela circunstância. Os exemplos de casos trabalhados, juntamente com as vivências nas aulas práticas, quando os materiais são manipulados, explorados, questionados demonstram que dessa forma se aproximam do mundo do aprendiz e tornam a teoria muito mais acessível, como via de regra, ocorre no processo que se baseia nas teorias construtivista e sócio-interacionista. As fases do desenvolvimento, tão áridas no teórico, passam a ter vida, no enfoque construtivista. Neste dá-se importância ao trabalho sensorial. Respeitam-se as fases de desenvolvimento do aprendiz. Observam-se os problemas que podem advir quando uma etapa, por exemplo, não fica bem resolvida. Trabalham-se cada dificuldade por vez. E, mais ainda, trabalha-se com outras abordagens, de forma multidisciplinar, no sentido de resgatar a sensorialidade, a afetividade. Enfim, todas as facetas da aprendizagem humana, numa abordagem psicogenética, sócio-interacionista, ou construtivista, se tornam como foi dito, vivas, ativas.

A Psicopedagogia, trabalhando interdisciplinarmente, se utiliza dos conhecimentos específicos de diversas áreas: da Psicologia Social, da Psicanálise, da Pedagogia, da Neuropsicologia, da Epistemologia e Psicologia Genética, e, sobretudo, da Lingüística, para embasar seu trabalho.

Há na instituição escolar uma velada intenção ao assistencialismo, ou seja, existe uma intenção política de que muitos permaneçam *de fora*, mantenham seu *status quo*. A um observador fica notório que existem muitos professores que cultivam a ideologia do amor, ser *bonzinho* com os *coitadinhos* dos seus alunos. Uma postura que pode levá-los a assumir uma

posição de inoperância ante as dificuldades apresentadas por seus alunos. Isto é, na tentativa de ajudar os alunos com dificuldades, tais professores, acabam negligenciando a correção e o ensino propriamente dito como se aludiu no capítulo anterior. Sabe-se que a escola é a instituição responsável pela transmissão do conhecimento culturalmente organizado. É nela, pois, onde o indivíduo deverá adquirir o conhecimento. Ali a criança chega com uma gama de intenções de aprendizagem: curiosa, investigativa, inquieta. Da atitude docente resultará uma situação de sucesso ou uma situação de fracasso. Sem dúvida, a tendência atualmente é que o psicopedagogo contribua, na instituição escolar, para implementar sua importante função: a de socializar os conhecimentos disponíveis, promover o desenvolvimento cognitivo e a construção de regras de conduta, dentro de um projeto social mais amplo.

Nesse prisma, se encontra a Psicopedagogia, no âmbito da escola: a ciência que, trabalhando com os docentes, faz chegar aos discentes possibilidades diversas e situações singulares de vencer dificuldades e buscar soluções para seus problemas e desafios.

No capítulo anterior, viu-se que aprendizagem escolar está relacionada com o processo global de desenvolvimento do indivíduo, ou seja, alcançando-o em todos os aspectos. Viu-se também que o não crescimento global, configura-se em fracasso. Neste, far-se-á uma breve explanação de alguns problemas de aprendizagem, pelos quais podem passar os estudantes e, em razão deles, apresentarem uma aprendizagem insatisfatória, resultando em fracasso e, finalmente, como proceder na intervenção.

3. 1 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Alguns aspectos são esperados no desenvolvimento cognitivo do indivíduo. O natural é que ao longo do seu período escolar, paulatinamente, ele vá evoluindo e sua aprendizagem resulte exitosa, sempre. Todavia, no desenrolar da caminhada estudantil e da própria vida em si, surgem para alguns, *acidentes*, *atropelos* no percurso, ou de percurso. Esses podem estar relacionados com algumas das dificuldades relacionadas a seguir.

- ***Atraso na fala***

Muitas crianças podem apresentar atraso no aparecimento da fala, evidenciado na emissão das palavras, na expressão do pensamento ou da vontade, logo no início de sua vida. Esse atraso tende a se agravar quando os adultos que convivem com a criança aceitam suas parcas emissões, seus gestos e mínimas expressões de comunicação, sem estimularem uma comunicação verbal adequada.

Sabe-se que a linguagem é fundamental para o sucesso escolar. Ela está presente em todas as disciplinas e todos os professores são potencialmente professores de linguagem, porque utilizam a língua materna como instrumento de transmissão de informações.

Ao ingressar na escola com atraso de linguagem pode se evidenciar um problema para a criança no processo de aquisição do conhecimento e, conseqüentemente, uma aprendizagem não satisfatória.

É necessário que os pais e educadores se preocupem em encontrar indícios de atraso na fala precocemente, pois quanto mais cedo se tem um diagnóstico preciso, mais depressa buscar-se-á solução.

- ***A dislexia***

Estudiosos do assunto popularizaram o conceito de que a Dislexia não é uma doença, mas é um distúrbio de aprendizagem congênito que interfere de forma significativa na integração dos símbolos lingüísticos e perceptivos. É caracterizado por dificuldades na leitura, escrita (ortografia e semântica), matemática (geometria, cálculo), atraso na aquisição da linguagem, comprometimento da discriminação visual e auditiva e da memória seqüencial.

A dislexia é a incapacidade parcial de a criança ler compreendendo o que lê, apesar da inteligência normal, audição ou visão normais e de serem oriundas de lares adequados, isto é, que não passem privação de ordem doméstica ou cultural. É uma síndrome pouco conhecida e pouco diagnosticada por pais e educadores, especialmente os pedagogos e médicos, que se voltam ao desenvolvimento cognitivo das crianças na educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio). A dislexia é uma perturbação ou transtorno ao nível de leitura. Uma criança disléxica encontra dificuldade de lê e as frustrações acumuladas podem conduzir a comportamentos anti-sociais, à agressividade e a uma situação de marginalização progressiva

Os disléxicos, em geral, têm dificuldade de calcular porque encontram dificuldade de compreender os enunciados das questões. Muitas vezes uma dificuldade no ensino da matemática está relacionada mais à compreensão do enunciado que ao processo operatório da solução do problema.

É necessário que o diagnóstico da dislexia seja precoce, isto é, os pais e educadores se preocupem em encontrar indícios de dislexia em crianças aparentemente normais, já nos primeiros anos de educação infantil, envolvendo as crianças de 4 a 5 anos de idade.

Quando não se diagnostica a dislexia, ainda na educação infantil, os distúrbios de letras podem levar crianças de 8 a 9, no ensino fundamental, a apresentar perturbações de ordem emocional, efetiva e lingüística.

Pela falta de informação, pode-se levar a sérios transtornos sociais e psicológicos, pois muitas crianças disléxicas não diagnosticadas adequadamente são taxadas de preguiçosas e até mesmo incapazes de um desenvolvimento normal de aprendizagem.

No plano da linguagem, os disléxicos fazem confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças sutis de grafia como "a-o", "e-d", "h-n" e "e-d", por exemplo; apresentam confusão com letras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço como "b-d". "d-p", "b-q", "d-b", "d-p", "d-q", "n-u" e "a-e". A dificuldade pode ser ainda para letras que possuem um ponto de articulação comum e cujos sons são acusticamente próximos: "d-t" e "c-q", por exemplo.

As crianças disléxicas apresentam uma caligrafia muito defeituosa, verificando-se irregularidade do desenho das letras, denotando, assim, perda de concentração e de fluidez de raciocínio.

Os sinais da Dislexia podem aparecer em maior ou menor intensidade, dependendo de vários fatores (idade, estimulação). Podem também se agravar no decorrer do processo de crescimento e desenvolvimento da criança.

Alguns destes sinais são:

- História familiar – se na família há casos, como a família se coloca ante a situação, qual a queixa, como ajuda.

- Falta de atenção e memória – se a criança é inquieta, se apresenta hiper-atividade, se não consegue lembrar fatos de uma narrativa.

- Atraso na aquisição da fala e linguagem (vocabulário pobre) – se a criança começou a falar tardiamente ou mesmo tendo falado cedo apresenta um vocabulário restrito.

- Disnomias ou dificuldade na nomeação de objetos – às vezes a criança “inventa” nomes, mas o sinal não é esse. O sinal é a dificuldade de nomear os objetos pelos nomes em que todos os outros os conhecem.

- Comprometimento emocional – imaturidade, timidez excessiva, instabilidade de humor – são indícios a serem verificados numa avaliação diagnóstica para sondar a existência da dislexia.

Um outro sinal a ser avaliado é se houve atraso ou se há falta de coordenação motora global (andar, correr e brincar). Assim também quanto ao atraso ou falta de coordenação motora fina (desenhar e escrever) e por fim se houve ou se há dificuldades na alfabetização e aprendizagem de matemática.

- **Disortografia**

É a dificuldade do aprendizado e do desenvolvimento da habilidade da linguagem escrita expressiva. Esta dificuldade pode ocorrer associada ou não a dificuldade de leitura, isto é, a dislexia. Cujas características principais são:

- Troca de grafemas (letras): Geralmente as trocas de grafemas que representam fonemas homorgânicos acontecem por problemas de discriminação auditiva. Quando a criança troca fonemas na fala, a tendência é que ela escreva apresentando as mesmas trocas, mesmo que os fonemas não sejam auditivamente semelhantes;
- Falta de apetite (vontade) para escrever.
- Dificuldade em perceber as sinalizações gráficas (parágrafos, travessão, pontuação e acentuação).
- Dificuldade no uso de coordenação/subordinação das orações.
- Textos muito reduzidos.
- Aglutinação ou separação indevida das palavras.

- **Disgrafias**

A disgrafia que é a dificuldade de transcrição escrita da linguagem falada, trata-se de um problema social grave que tem preocupado pais, educadores, fonoaudiólogos, psicólogos e médicos em todo o mundo, que buscam processos capazes de debelar esta situação.

A disgrafia, também chamada de "*letra feia*", não está necessariamente associada a disortografia, é uma deficiência na qualidade do traçado gráfico que não deve ter uma causa "déficit" intelectual e/ou neurológico. Crianças de inteligência média ou acima da média, que por vários motivos apresentam uma escrita ilegível ou demasiadamente lenta, o que impede um desenvolvimento normal da escolaridade

No entanto, a criança que tem dificuldades para escrever corretamente a linguagem falada, apresenta geralmente uma disgrafia. Na maioria destes casos, a "*letra feia*" é consequência das dificuldades para recordar a grafia correta para representar um determinado som ouvido ou elaborado mentalmente. Neste sentido, a criança escreve devagar, retocando cada letra, realizando de forma inadequada as uniões entre as letras ou, amontoando-as com o objetivo de esconder os erros ortográficos. É possível, porém, encontrar crianças disgráficas que não apresentam qualquer tipo de disortografia. Principais características encontradas em crianças disgráficas:

- Má organização da página: este aspecto está intimamente ligado à orientação espacial. As crianças com dificuldades em organizar adequadamente sua escrita numa folha de papel, apresenta um distúrbio de orientação espacial. Sua escrita caracteriza-se pela apresentação desordenada do texto com margens mal feitas ou inexistentes, espaços entre palavras e entre linhas irregulares e, escrita ascendente ou descendente.

- Má organização das letras: a característica principal deste aspecto é a incapacidade da criança em submeter-se às regras caligráficas. O traçado apresenta-se de má qualidade, as hastes das letras são deformadas, os anéis empelotados, letras são retocadas, irregulares em suas dimensões e atrofiadas.

- Erros de formas e proporções: refere-se ao grau de limpeza do traçado das letras, sua dimensão (demasiado pequena ou demasiado grande), desorganização das formas e, escrita alongada ou comprida.

- ***Disfemia***

Muitas teorias tentaram definir o fenômeno da gagueira e suas causas. A maioria delas a descreve como sendo um distúrbio de fluência que geralmente se inicia na infância, na fase pré-escolar. Quando ocorre na fase adulta está relacionada a alterações psíquicas ou do Sistema Nervoso Central. Apresenta aspectos motores, psicolingüísticos, neurológicos e psicossociais importantes. Não tem uma causa específica e nenhuma gagueira é absolutamente igual à outra.

Seus sintomas mais comuns são: pausas silenciosas antes do início da fala, severas repetições de sons, palavras ou frases, substituição de palavras e desviar os olhos (geralmente para o chão). Há também muita dificuldade para falar em público, em grupos e ao telefone. Tende a piorar na presença de estranhos e com pessoas hierarquicamente superiores.

As alterações emocionais caracterizam-se por conflito entre falar e não falar, medo das palavras, sentimentos conflitantes, ansiedade, tensão, irritação e autodefesa. Manifestam-se em função do esforço excessivo do gago em evitar a gagueira, levando a uma fala repleta de falhas de ritmo, pausas silenciosas, frases incompletas com esforço físico, alteração na sincronização entre a respiração e a produção da fala.

- ***Discalculia Infantil***

A discalculia é um outro problema que afeta mais na área da aprendizagem da aritmética. Está relacionada às medidas, às quantidades,

enfim, refere-se à incapacidade que a criança encontra para trabalhar com matemática.

Pode-se perceber a discalculia quando há um retardo no aprendizado das relações de tamanho (maior, menor, igual); contigüidade espacial (dentro, fora, em cima embaixo); identificação dos dedos,. E. mais tarde, esse retardo se expressa através da dificuldade nas funções de pareamento, reversibilidade e compreensão das quantidades e dos signos visuais (números). Agravando-se sobremaneira, no tocante a resolução de problemas que envolvem cálculos.

Estes são, apenas alguns, dentre outros apontados pela Psicopedagogia, dos distúrbios de aprendizagem que, se existentes, podem de certa forma, agravar os problemas de aprendizagem dos educandos e conduzi-los ao fracasso escolar.

3. 2. O QUE É O FRACASSO ESCOLAR

Antes de se falar em intervenção, é necessário que seja feita uma retomada conceitual do que vem a ser fracasso escolar na vida do indivíduo, no ambiente escolar e no ambiente familiar, especialmente nas suas conseqüências no desenvolvimento da aprendizagem escolar.

Podem ser muitas as razões que determinam o sucesso ou o fracasso escolar de uma criança, como: fatores fisiológicos, fatores psicológicos, mais precisamente de mobilização, condições pedagógicas e principalmente o meio sócio-cultural em que vive a criança. Nas dificuldades de aprendizagem supra mencionadas encontram-se vários aspectos geradores de insucesso na aprendizagem e conseqüente fracasso escolar.

As dificuldades de aprendizagem podem surgir quando um ou mais aspectos citados encontram-se alterados e tendem a agravar-se na medida em que não são diagnosticados precocemente. Uma avaliação psicopedagógica possibilita o diagnóstico precoce e enseja formas de sanar os problemas, vencer os desafios.

Por trás do fracasso escolar ou da evasão escolar, sempre há fortes indícios de dificuldades de aprendizagem relacionadas à linguagem. Nos casos de abandono escolar, em geral, também, verificam-se crianças que deixam a escola por enfrentarem dificuldades de leitura e escrita.

Quando se fala em distúrbios de aprendizagem envolvendo a leitura e a escrita, refere-se à leitura oral e silenciosa, visto que as dificuldades de escrita, na maioria das vezes, decorrem de uma leitura lenta, analítica, impregnada de trocas de sílabas ou palavras, sem pontuação nem ritmo e, incompreensível.

Pode-se afirmar que o ser humano é singular e a ele, somente a ele, pertence sua situação, sua relação com o processo que lhe foi oferecido e o

desenrolar deste. Porém, o impedimento para aprender não está atrelado somente aos fatores orgânicos. O estado emocional determina e permeia todo tipo de relação, sendo esta uma proposta educacional formal ou não.

Assim, entende-se por fracasso escolar o resultado não eficaz do esforço empreendido pelo aluno, professores e pais para uma aprendizagem de sucesso. Em outras palavras, o fracasso escolar se caracteriza pela obtenção de resultado insatisfatório no processo avaliativo do aluno, seja quanto ao domínio dos conteúdos trabalhados, seja pela excessiva ausência das atividades discentes.

Nos dias atuais o fracasso escolar se configura muito freqüente em virtude da obrigatoriedade de escolarização. O sistema ampliou o número de vagas nas escolas, mas não possibilitou aos educadores meios de se capacitarem com o fim de cumprir a função social inerente a escolar: ensinar, formar cidadãos. Fazer acontecer aquilo que foi definido como os pilares da educação:

- Aprender a aprender.
- Aprender a fazer.
- Aprender a conviver.
- Aprender a ser.

Não atingir resultados mínimos que possibilitem alcançar os pilares da educação, se configura atualmente, no que se convencionou denominar fracasso escolar. A intervenção psicopedagógica ocorre justamente para que seja possível formar o cidadão integralmente com aptidões, habilidades e competências mínimas necessárias para que ele seja atuante no seu meio social.

3. 3 A ESCOLA, A FAMÍLIA E O FRACASSO ESCOLAR

Os pais, professores e educadores devem atentar a dois importantes indicadores para o diagnóstico precoce da dislexia: a história pessoal do aluno e as suas manifestações lingüísticas nas aulas de leitura e escrita.

Na lista de dificuldades dos disléxicos, para o diagnóstico precoce dos distúrbios de letras, educadores, professores e pais devem ter atenção para as inversões de sílabas ou palavras como "sol-los", "som-mos" bem como a adição ou omissão de sons como "casa-casaco", repetição de sílabas, salto de linhas e soletração defeituosa de palavras

Quando os professores se depararem com crianças inteligentes, saudáveis, mas com dificuldade de ler e entender o que lê, devem investigar

imediatamente se há existência de casos de dislexia na família. A história pessoal de um disléxico, geralmente, traz traços comuns como o atraso na aquisição da linguagem, atrasos na locomoção e problemas de dominância lateral.

Os dados históricos de dificuldades na família e na escola poderão ser de grande utilidade para profissionais como psicólogos, psicopedagogos e neuropsicólogos que atuam no processo de reeducação lingüística das crianças disléxicas.

A Escola – representada por seus professores, em geral – é a primeira fonte de informação quanto ao desempenho da criança e do jovem. No contexto da sala de aula, quando eles não conseguem acompanhar o ritmo de toda a turma, é que se percebe os desafios que devem ser vencidos numa intervenção psicopedagógica.

A família então informada passa a ser a outra fonte. São os familiares que darão notícia dos sinais de atrasos que possibilitarão agir adequadamente no processo de intervenção, na correção das distorções de aprendizagem que permitirão a construção do conhecimento pelo educando.

Por fim, há de se precaver pais e educadores pois com os novos recursos da sociedade, devem eles redobrar os cuidados e o acompanhamento da criança ou jovem com desafios de aprendizagem a vencer. O mau uso do computador, por exemplo, pode levar uma criança a ter algum distúrbio de letras, entre outros problemas.

3. 4. AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA PARA INTERVENÇÃO NO FRACASSO ESCOLAR

Indubitavelmente, desde os primórdios que a principal tarefa do psicopedagogo nas escolas se liga a identificação, avaliação e acompanhamento dos alunos que por quaisquer motivos não conseguem alcançar o rendimento esperado na mesma proporção que seus companheiros de turma.

A avaliação psicopedagógica, como citado em Solé, (2001.p.126)

(...)é definida por diversos autores (Alonso Tapia, 1997; Bassedas e outros, 1991; Fernandez, 1997; Fernandez, Pelissé e Sigalés, 1996; Montón e Redó, 1996) como um processo de coleta e análise de informações relevantes sobre os diferentes processos de ensino e aprendizagem – não somente das competências do aluno, mas também do ambiente educacional, – com a finalidade de fundamentar as decisões sobre a resposta educacional mais adequadas às necessidades desse aluno.

Sob essa definição pairam alguns aspectos de suma relevância, e adota-se nova nomenclatura, trata-se de avaliação psicopedagógica em vez de *diagnóstico psicológico* ou *avaliação educacional* ou ainda *avaliação curricular*. O termo adotado dentre outros aspectos visa dar a avaliação uma conotação própria do fazer pedagógico, dando-lhe um sentido complementar a avaliação educacional. Nesse caso se avalia também o contexto, o ambiente, o sistema. Não é uma mera mudança de termo; com a nova denominação, mudam-se também os procedimentos. O diagnóstico enseja uma atividade limitada que *“busca patologias nos indivíduos como causa explicativa de seus desajustes ou dificuldades e, portanto, relacionada com um modelo médico explicativo da conduta(...)”* (Verdugo,1994, p.171. apud Sole, 2001, p.188)

Ora, a avaliação psicopedagógica assim entendida evoluiu paulatinamente, partindo da concepção médica, para a psicológica e finalmente para a complementação da educacional, onde considera e enfatiza o contexto: a escola, a sala de aula, o currículo e o próprio aluno.

Na realização da avaliação psicopedagógica, a Psicopedagogia emprega como recurso principal a realização da observação e de entrevistas operativas dedicadas a expressão e a progressiva resolução da problemática individual e/ou grupal daqueles que a consultam.

Nesta inter-relação há de se notar, como diz Sole (2002.p.189) que:

A concepção interacionista das diferenças individuais, subjacente a diferentes correntes de pensamento psicológico, como a teoria sócio-cultural de Vygotsky, a psicologia ecológica, os enfoques sistêmicos e outros estabelece que o desenvolvimento das diferentes capacidades constitutivas do ser humano é um produto da interação entre as características pessoais e as dos contextos em que ocorre esse desenvolvimento.”

A avaliação psicopedagógica enseja a intervenção que, por sua vez, compreende a investigação, o assessoramento e o planejamento do aprendizado; o assessoramento em equipes interdisciplinares referentes a educação e/ou à saúde mental, a difusão comunitária de temas de sua especialidade, aulas de cursos de capacitação; cursos de orientação a pais; treinamento de professores em todos os níveis.

Assim, possibilita que o psicopedagogo e sua equipe multidisciplinar possam observar padrões de atividades e ofereçam oportunidades para a realização autônoma e independente do que foi aprendido.

Nesse sentido, diz Sole (2002. pp.189/190)

O modelo educacional –construtivo de intervenção psicopedagógica assume estes princípios. Não é em vão que a Concepção Construtivista da Aprendizagem Escolar e do Ensino, em que se fundamenta, considera que a aprendizagem, fruto da interação social, é o motor do desenvolvimento humano. No campo da avaliação psicopedagógica, isso remete à necessidade de compreender a conduta, as competências e as limitações dos indivíduos num enfoque ampliado. O objeto primário de avaliação psicopedagógica é o aluno no sistema de ensino e aprendizagem, ou seja, na interação que estabelece com seu professor e com seus colegas em torno dos conteúdos do currículo.”

A avaliação psicopedagógica que, grosso modo, se constitui uma estratégia, a qual, tendo em vista a realização de uma intervenção e a viabilização do assessoramento institucional de projetos de aprendizagem, pode utilizar os seguintes instrumentos:

- **Desenho.**
- **Cálculo.**
- **Diagnóstico Operatório.**
 - **Leitura e escrita.**
 - **A hora do jogo.**
 - **Psicomotricidade.**

O uso dessa diversidade de instrumento tem por meta o melhor conhecimento do aluno e do contexto educacional em que ele se insere com a finalidade de fortalecer os aspectos positivos e neutralizar os desafios. “Os procedimentos são, neste caso, as diferentes técnicas e instrumentos que se utilizam para obter informação e analisá-la.” (Sole, 2001, p. 191)

A avaliação psicopedagógica ocorre, geralmente, por solicitação dos professores e parte sempre da identificação das dificuldades de um aluno, seja no âmbito cognitivo, seja no das relações ou em ambos, e tem caráter consciente, planejado, auto-dirigido e auto-regulado, para o qual se estabelece metas e objetivos claros a atingir: melhorar o desempenho escolar de um aluno concretamente, contando sempre com a cumplicidade do regente de sala de aula. Nisso difere sutilmente da avaliação escolar adotada pela escola.

Utilizando-se dos instrumentos de avaliação, o psicopedagogo recolhe os resultados, os quais apontam o desempenho do indivíduo nas diversas situações de aprendizagem. De posse desses dados, o profissional planeja e executa a intervenção necessária com vista a melhorar a aprendizagem, minimizando a condição de insucesso ou fracasso escolar, o que implica supervisão e controle constantes de todo o processo, o que permitirá regulagem e mudanças quando necessárias,

no curso da intervenção pré-estabelecida.

3. 5 PROCEDIMENTOS E FORMAS DE INTERVENÇÃO NO FRACASSO ESCOLAR

O psicopedagogo como já foi mencionado, é o profissional que com a ajuda do professor regente e da família diagnostica, orienta, atende em tratamento e investiga os problemas emergentes nos processos de aprendizagem. Esclarece os obstáculos que interferem para haver uma boa aprendizagem. Realizada a avaliação psicopedagógica, favorece o desenvolvimento de atitudes e processos de aprendizagem adequados, com ênfase nas possibilidades, esclarecendo e orientando pais e professores, em todos os níveis educativos.

Para uma adequada intervenção, o psicopedagogo conta com outros profissionais – é conveniente que a equipe possa ser interdisciplinar – para realizar com sucesso, uma intervenção psicopedagógica. Assim, todo o processo será monitorado por essa equipe multidisciplinar, composta inclusive pela família, o que permitirá adotar novas estratégias de ensino e aprendizagem ao longo do período letivo.

Se o foco da aprendizagem não são as notas, por que esperar o fim do bimestre para montar um plano de recuperação? A primeira tarefa, do psicopedagogo, nesse caso, é, juntamente com o professor, fazer o diagnóstico dos alunos. O ideal é que a equipe, utilizando instrumentos diversificados, fique de olho no desempenho dos alunos, dia após dia. Durante as atividades em sala de aula, registrar erros cometidos, dúvidas apresentadas e avanços obtidos. Essas anotações, comumente conhecidas como “ficha de desempenho”, orientarão o trabalho a ser realizado, de acordo com as dificuldades observadas nos alunos.

A meta número um de qualquer educador é fazer com que todos aprendam. Mas cada aluno se expressa de um jeito próprio, revela características únicas, comporta-se de forma independente, tem um ritmo de aprendizagem que não é igual ao de nenhum outro. Se o professor, em consonância com o psicopedagogo, não dedicar energia e tempo para compreender essas particularidades, corre sério risco de contribuir para o fracasso escolar.

Em razão do que foi dito, compete à equipe multidisciplinar envolvida com a qualificação do desempenho dos alunos, elaborar atividades que venham a sanar os problemas por ela observados. E, irem, pouco a pouco, eliminando os “nós” evidenciados na ficha de desempenho do aluno.

A aprendizagem é, assim, olhada como a atividade de indivíduos ou grupos humanos, que mediante a incorporação de informações e o desenvolvimento de experiências, promove modificações estáveis na

personalidade e na dinâmica grupal as quais revertem no manejo instrumental da realidade.

Não há dúvida de que é uma tarefa complexa, todos os alunos têm limitações, de diferentes ordens, mas também tem muito a desenvolver. Identificar essas diferenças e criar oportunidades para que cresçam juntos, é o primeiro passo rumo a uma educação de sucesso. E é, portanto o objetivo primordial da intervenção psicopedagógica.

Além das dificuldades cognitivas, propriamente ditas, outro problema é a baixa auto-estima. Ao observar atentamente as peculiaridades de cada aluno, deve-se atacar essa questão, que poderá contribuir para diminuir as dificuldades diagnosticadas.

Sob esse prisma, o psicopedagogo estuda e cria condições para uma melhor aprendizagem individual e grupal nas instituições educativas, tanto no que tange à melhoria do desempenho cognitivo, quanto no que se refere à construção de uma auto-estima favorável ao desenvolvimento do indivíduo. Por fim, intervem na investigação e no planejamento das aprendizagens, segundo níveis evolutivos ou as características psicológicas de quem aprende. Assim também, na escolha e assessoramento de metodologias que ajustem a ação educativa nas bases psicológicas da aprendizagem.

A intervenção que se deseja eficaz será por certo individualizada com momentos grupais, mas considerando sempre o desempenho marcado pelo desenvolvimento individual, em relação a si e ao grupo de que faz parte. Baseada nessa premissa, a equipe multidisciplinar atuará na constante busca de procedimentos e melhores formas de intervir favoravelmente no fracasso escolar.

CONCLUSÃO

Conhecer a utilização dos recursos, os meios e os processos técnicos que viabilizem a investigação sistemática do desenvolvimento biopsicossocial, para o estudo e orientação de atendimento psicopedagógico é um dos primeiros passos para uma intervenção psicopedagógica de qualidade. Em seguida, deve-se viabilizar recursos e práticas que subsidiem a intervenção psicopedagógica nas situações de aprendizagem.

No desenvolvimento dessa intervenção, observem-se as modalidades de aprendizagem e de pensamento mais adequadas para que o trabalho com a leitura: compreensão leitora, linguagem e a escrita sejam adequadamente abordadas. A relação entre subjetividade e objetividade nos problemas de aprendizagem e a construção de instrumentos de intervenção para leitura e escrita, são aspectos que devem ser atacados prioritariamente tendo em vista um acompanhamento favorável ao êxito na aprendizagem.

Realizar entrevista com os pais e com os profissionais da escola durante o tratamento psicopedagógico, de forma a contribuir para uma resposta satisfatória aos alunos considerados com ritmo de aprendizagem insatisfatório.

Prever todas as possibilidades de intervenção psicopedagógica, utilizando-se dos jogos pedagógicos, de atividades expressivas, de caixa de areia, colcha de retalhos e contos de fadas.

Concomitantemente, devem-se pesquisar as causas que podem variar e que interferem na qualidade e resultados da aprendizagem: a super proteção, a falta de estímulos adequados, meio sócio-afetivo-cultural desfavorável, atraso psicomotor, perda auditiva parcial ou total e problemas neurológicos.

É importante verificar o nível de linguagem em relação ao esperado da sua idade e escolaridade. Faz-se, inicialmente, uma pesquisa minuciosa para identificar as causas do atraso da linguagem, orientar a família, que deve participar ativamente do tratamento e estimular principalmente as áreas perceptivas (auditiva e visual) além da área motora. A musculatura oral e facial também é treinada, favorecendo e propiciando a articulação das palavras.

Há que se ter segurança na atuação; escolher um caminho e seguir, tendo humildade para reconhecer quando o caminho escolhido inicialmente não foi o melhor, mas valorizá-lo, porque forneceu pistas, desvendou alguns procedimentos inadequados e possibilitou a reflexão e o replanejamento, já com novos elementos para enriquecer a tomada de decisão.

Além do que já foi colocado até aqui, sugere-se então vivenciar e construir projetos, buscando operar na prática clínica individual e grupal. Também desenvolver projetos institucionais, principalmente aqueles relacionados a escola. E finalmente que se busque aprimorar a percepção de

si mesmo e do outro, enquanto ser individual, social e cultural e no seu papel de psicopedagogo.

No intuito de vencer os obstáculos que surgem no processo de aprendizagem escolar o docente precisa estar atento a todo e qualquer sinal de dificuldade observado em seu aluno. Assim também a família deve comunicar qualquer alteração verificada no comportamento e desenvolvimento do seu filho. Dessa forma, unidos em torno de um mesmo objetivo que é o de viabilizar uma aprendizagem satisfatória e de qualidade, escola e família não só auxiliarão o progresso cognitivo do indivíduo como terão parte importante no desenvolvimento do cidadão. E, em última instância, quando necessário, colaborarão com o psicopedagogo no sentido de atenuar as dificuldades verificadas no discente, em seu processo de crescimento e aprendizagem.

Somente montando essa equipe multidisciplinar, composta inclusive pela família, é que se poderá minimizar o fracasso escolar resultante de dificuldades psicopedagógicas, diagnosticadas no processo.

Esse é um trabalho que começa a se delinear no cotidiano das instituições de ensino privadas ou públicas. E num futuro bem próximo a Psicopedagogia sairá totalmente do aspecto clínico que lhe imputam e assumirá de vez seu espaço na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** Porto Alegre: Artmed, 1994.132p.
- _____, N. A. **Fracasso escolar: um olhar psicopedagógico.** Porto Alegre: Artmed, 1998. 160p.
- DOLLE, J. M. **Para compreender Jean Piaget.** Rio de Janeiro: Agir, 2001.290p.
- FERREIRO, E. ; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999. 300p.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- LA TAILLE, Y. et al. **Piaget, Vygostsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992. 232p.
- LOMONICO, C. F. **Psicopedagogia: teoria e prática.** São Paulo: Edicon, 1992. 132p.
- MARTINS, Vicente. Dislexia e educação especial. In.: BELLO, José Luiz de Paiva. **Pedagogia em Foco.** Fortaleza: Cadernos, 2001.35p.
- MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente.** Campinas: Papirus, 1997. 240p.
- SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 176p.
- SOLÉ, I. **Orientação Educacional e Intervenção Psicopedagógica.** Porto Alegre: ARTMED, 1998. 260p.